PAISAGEM RURAL NA PALESTINA ROMANA: INSTRUMENTOS DE TRABALHO

Carlos Roberto Galvão Sobrinho
Maria Beatriz Borba Florenzano

INTRODUÇÃO

O presente texto pretende apresentar alguns instrumentos de trabalho constituídos durante uma pesquisa que realizamos no sítio arqueológico de Apolônia (Israel) em associação com o *Projeto Apollonia*, coordenado pelo Prof. Francisco Marshall da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nosso 'sub-projeto' (Projeto n. 1 do Projeto Geral elaborado em 1999) denominou-se 'Paisagem rural e mudança social na Palestina romana'¹. Nossa perspectiva é que alunos e professores da equipe brasileira que continuem as pesquisas em Apolônia possam encontrar um ponto de partida para futuras investigações nos comentários e na documentação que reunimos e que ora apresentamos. Uma vez que nossa preocupação foi a de compreender a ocupação e organização do território² de Apolônia, procuramos ampliar o escopo de nossos comentários e da documentação reunida de sorte a inserir este sítio nos processos históricos que afetaram a Planície do Sharon como um todo.

OBJETIVOS INICIAIS DO PROJETO

O principal objetivo do projeto proposto foi o de prover subsídios para um programa de prospecção intensiva de superfície no território do

Carlos Roberto Galvão Sobrinho. Department of History-Wisconsin University.

Maria Beatriz Borba Florenzano. Museu de Arqueologia e Etnologia/USP.

Utilizamos neste relatório dois métodos de citação concomitantemente. Incluímos ao final uma Bibliografia específica que compreende os textos que permearam toda a nossa reflexão. Estes virão citados principalmente no texto seguindo o padrão mais moderno anglo-saxão. Outros textos, igualmente importantes, que nos apoiaram em uma ou outra seção, são citados com todos os seus dados em notas de rodapé, inseridos, normalmente em comentários ou observações a respeito do que vem dito no texto.

sítio arqueológico de Apolônia, Israel, e dos distritos rurais circunvizinhos. Considerando o potencial do uso desta metodologia de baixo custo e a possibilidade de nos valermos dela para investigar problemas históricos delimitados, mas que também remetem a questões de cunho teórico, o nosso objetivo foi o de avaliar e testar as condições oferecidas por este território para a implementação e execução de um projeto de prospecção intensiva de superfície.

Os trabalhos, até a atualidade realizados neste sítio, priorizaram o núcleo urbano da Apolônia antiga. As pesquisas do principal investigador, I. Roll,³ embora essenciais para a reconstituição da história do sítio, não problematizam questões centrais numa perspectiva de história social e econômica que nos parecem fundamentais para a compreensão da história deste sítio e da região. Nesse sentido, nosso projeto se constituiu a partir de duas temáticas que formaram o eixo orientador do estudo e que, por um lado, se inserem num campo historiográfico mais amplo, que trata da natureza da cidade do período helenístico e romano e de suas relações com o seu território;⁴ por outro, remetem ao problema histórico da Palestina e do Oriente romano. Em suas várias fases, o projeto procurou dar conta de certos temas relevantes da história da Palestina e do Oriente helenístico e romano, procurando refletir especialmente sobre a transformação da sociedade em momentos de mudança política e social em larga escala.

Ora, este sítio, que já vem sendo investigado por uma equipe de brasileiros, oferece uma oportunidade única para se estudar o impacto local de processos de transformação social em larga escala no mundo romano. A análise do espaço e da paisagem rural mostrou-se especialmente fértil em outras regiões do Mediterrâneo, permitindo não só a escrita de uma história do campo e dos seus habitantes relativa à fração da população maior (Snodgrass, 1987: 68), mas também jogando luz sobre questões e temas antes nebulosos ou pouco entendidos como demografia, assentamento e ocupação do campo, regime de propriedade da terra, movimentos migratórios, sistemas de cultivo agrícola, habitat rural, história da técnica, etc.⁵ Na realidade, o estudo da paisagem rural nos abre uma janela não só sobre questões de economia agrária, mas sobre aspectos sociais e políticos do mundo romano (Lloyd, 1991: 233).

Desde o início, os trabalhos de Susan Alcock foram inspiradores e ajudaram a definir melhor os recortes deste projeto. Alcock mostrou para a Grécia como a paisagem rural podia iluminar o regime de propriedade da terra, da ocupação do solo e as relações sociais

envolvidas na produção agrícola em uma situação de mudança social em larga escala, desencadeada por eventos e processos políticos, no caso, o imperialismo romano (Alcock, 1993). Ela demonstra que a conquista romana se associou a modificações importantes nas relações entre campo e cidade e entre as elites dominantes e os trabalhadores rurais. O seu trabalho fecundo e inspirador dá um salto para além da simples descrição do mundo agrícola, buscando associar aos processos políticos e sociais macro-regionais as mudanças observadas nas paisagens rurais.

Seguindo o caminho aberto por Alcock, a nossa proposta foi também a de entender o impacto social de Roma na Palestina em uma época de transformações sociais e econômicas significativas para a história daquela região e do Império como um todo.⁶ Embora o âmbito do nosso estudo fosse muito mais restrito - trata-se de uma comunidade, não de uma província -, o esforço ficou justificado pois não encontramos estudos com esse enfoque político para a Palestina romana. A conquista e reorganização romana da Palestina e Síria foi acompanhada de sangrentas guerras internas, opressão fiscal, deslocamento social, migração de camponeses e de uma instabilidade política, que se estendeu até as primeiras décadas do século I d.C. provocando freqüentemente movimentos messiânicos. Ao longo do século I d.C., a opressão fiscal e os conflitos entre judeus e judeus e romanos culminaram na revolta de 66.⁷ Em 131/2, a rebelião de Bar-Kochba levou à destruição de Jerusalém e, se Dião Cássio estiver correto, ao massacre de grande parte da população judaica. Do nosso ponto de vista, o impacto da ocupação romana merecia ser melhor avaliado, especialmente no campo, onde dados arqueológicos sugeriam, ao mesmo tempo e em uma aparente contradição, prosperidade econômica.

Em suma, a partir deste estudo, esperávamos aprofundar a análise das relações sociais e entender melhor as mudanças históricas que causaram impacto sobre a região. No plano teórico, pretendíamos contribuir para a reflexão sobre a natureza da cidade antiga e o problema dos sistemas econômicos regionais e a sua integração no Império (Vallat, 1991: 11-14).

Os resultados desta pesquisa estão consignados em “Relatório técnico-científico apresentado à FAPESP” em julho de 2001, disponível para consulta na Biblioteca do MAE/USP e em um artigo científico que se encontra no prelo e que deverá ser publicado pela Revista do MAE/USP no volume correspondente a 2002.

AS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS E A OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO NA REGIÃO DE APOLÔNIA: ESTADO DA QUESTÃO

Topografia da Planície do Sharon

Apolônia está situada na costa central de Israel em uma região conhecida pelo nome de Planície do Sharon, na atual municipalidade de Herzliyya. De acordo com a documentação textual antiga (Rainey, 1989: 10-11) o Sharon é uma região que se estende entre a cidade de Dora, ao norte e Ioppa, ao sul, e limita, a leste, com os montes Carmelo e com as montanhas da Samaria (fig. 1). Cidades antigas importantes estão localizadas nessa região: afora a própria Apolônia, no litoral estão as já mencionadas Dora e Ioppa além de Cesaréia e de Tel Michal; no interior deve-se mencionar Antípatri, na rota – existente mesmo antes do estabelecimento de uma via romana – que unia o norte do Egito à Síria e à Mesopotâmia.

Apesar de hoje a Planície do Sharon ser reconhecida como uma região relativamente homogênea, os autores modernos ressaltam que na Antigüidade, tanto Apolônia quanto Tel Michal estavam posicionados em um 'nicho geográfico' que tinha por limite norte o Rio Poleg e por limite sul o Rio Yarkon. É esta área que, no fundo, poderia ser considerada como o entorno das duas cidades (que distam apenas 3 km uma de outra); área que, poderíamos supor, estivesse sob influência dessas cidades ou de onde proviesse sua subsistência.

A característica topográfica mais marcante desta região está constituída por três cadeias de kurkar⁸ alinhadas no eixo norte-sul e de forma paralela à linha da costa. Entre as três cadeias de kurkar e, além da terceira cadeia até chegar ao sopé das montanhas da Samaria, estendiam-se, na Antigüidade, três marzevaks (depressões) de sedimentos férteis. Esta longa linha de cadeias de kurkar bloqueava o escoamento efetivo das águas de muitos rios, riachos e wadis, criando – especialmente na marzevah entre a segunda e a terceira cadeia de kurkar – inúmeros pântanos. Estes, juntamente com a floresta de carvalho⁹ que crescia sobre a densa camada de areia vermelha – hamra – que se estendia por toda a terceira cadeia de kurkar tornava bastante difícil a ocupação humana do lado oeste da Planície do Sharon.

Na verdade, por toda a Idade do Bronze, a maioria dos assentamentos humanos da Planície do Sharon situava-se ao lado oeste das montanhas da Samaria, não ultrapassando as cadeias de kurkar, nem chegando à costa nessa direção. O acesso ao litoral, se dava mais ao sul da Planície, na altura da bacia do Rio Yarkon que, juntamente com o Rio Ayalon

e com o Wadi Qana, formava um corredor natural entre o Mediterrâneo e o interior. O rico solo aluvial e as inúmeras fontes de água do leste do Sharon, somadas à altitude que tornava o clima mais saudável levaram ao estabelecimento ali de uma série de localidades importantes, fazendo da fronteira leste do Sharon um elo fundamental no entroncamento das rotas que ligavam o Egito com o norte da Síria e com a Mesopotâmia. Não é por acaso que Tel Aphek (em época romana, Antípatris) situava-se justamente na área da nascente do Yarkon.

De acordo com a bibliografia consultada, por estes motivos, tanto Apolônia quanto Tel Michal foram assentamentos em uma área de acesso complicado ao interior, daí seu destino (pelo menos por boa parte da Antigüidade) em viver voltadas para o mar, muitas vezes sob influência direta de fenícios ou de persas (Rainey, 1989:10). Esta seria a posição também com relação a Dora que, como vimos acima, situa-se na fronteira norte do Sharon, e que portanto teria vivido por boa parte da Antigüidade desligada do seu entorno.

A ocupação do território na parte sul da Planície do Sharon: as pesquisas arqueológicas

Como é bem sabido, durante toda a época moderna e contemporânea, a região onde hoje se encontra Israel foi muito visitada e por isso os vestígios arqueológicos e as ruínas chamaram sempre a atenção. Soldados, viajantes, religiosos e autoridades, em diferentes momentos, registraram por meio de relatos ou desenhos as paisagens e as ruínas da 'Terra Santa'. Datam, porém, do século XIX, os registros um pouco mais intencionais e sistemáticos. A respeito do Sharon, especificamente, deve-se mencionar em especial a obra de Clermont-Ganneau e a de Guérin (ambas do último quartel do século XIX) e as menções que alguns dos sítios receberam no *Survey of Western Palestine* organizado por C. R. Conder e H.H. Kitchener e publicado pelo *Committee of the Palestine Exploration Fund* em três volumes (1881-1883) (Roll e Tal, 1999: 18-25). A partir do nascimento da Arqueologia como disciplina científica em finais do século XIX e durante todo o século XX, enquanto Israel esteve sob o Protetorado Britânico e depois da fundação do Estado de Israel, os sítios arqueológicos mais visíveis do Sharon foram regularmente escavados. Atualmente, toda intervenção arqueológica depende de autorização da *Israel Antiquities Authority*, entidade que tanto promove as escavações com a sua própria equipe, quanto autoriza a escavação por outras instituições ou universidades. Até um certo ponto, podemos dizer que

esta instituição imprime uma feição às pesquisas arqueológicas desenvolvidas em Israel: o levantamento arqueológico (ou *survey*) proposto pela série dos 'Mapas' das várias regiões de Israel, como o *Map of Herzliyya* (Gophna e Ayalon, 1998), texto básico em nosso estudo, foi uma iniciativa própria das equipes desta entidade.

De acordo com o nosso levantamento geral na bibliografia disponível e nos relatos de escavação, a pesquisa arqueológica realizada nas últimas décadas na Planície do Sharon focalizou principalmente os grandes sítios. Como ocorre tradicionalmente na Arqueologia clássica (e na Arqueologia de tantas outras regiões fora do Mediterrâneo), o primeiro chamariz para a pesquisa são as grandes ruínas que se destacam na superfície de uma paisagem. Assim, a cidade romano-bizantina e o forte medieval cruzado em Cesaréia, o *tel* com suas ruínas de época persa e helenística em Dora; em Tel Michal, o forte de época helenística e romana; em Antípatri, as grandes construções romano-bizantinas e em Apolônia, o castelo medieval de época cruzada, foram todos escavados mais intensivamente com o objetivo de oferecer explicações para o que tão visivelmente se apresenta na superfície.

A partir dos anos oitenta e, sobretudo, noventa, nota-se -como no resto da arqueologia israelense- alguns grupos tentando ampliar as áreas de pesquisa e realizando um esforço em compreender os grandes sítios em sua articulação com as áreas circunvizinhas. Algumas investigações, como as desenvolvidas por Gibson no entorno de Dora, alguns *surveys* na área circunvizinha de Cesaréia (Everman, 1992 e Roller, 1981) e o *survey* realizado pelas equipes conjuntas da Universidade de Tel Aviv e da *Israel Antiquities Authority* na área interna de Apolônia e de Tel Michal, no sul da Planície do Sharon, são trabalhos que merecem atenção. Esta última pesquisa, que reuniu todos os dados arqueológicos disponíveis até o final da década de 1970 a respeito do sul do Sharon, é, de fato, a que mais nos interessa.

Este *survey* foi conduzido entre os anos 1977-1979, abrangendo toda a área que se estende entre os Rios Poleg ao norte e Yarkon ao sul, com o objetivo de preparar um mapa arqueológico da municipalidade de Herzliyya. Mapa este que, em 1998, foi publicado na Série "Archaeological Survey of Israel" sob o patrocínio da *Israel Antiquities Authority* (fig.3). A equipe montada no Instituto de Arqueologia da Universidade de Tel Aviv contou - entre outros- com a participação de três arqueólogos que mais tarde foram os responsáveis pela maior parte das publicações dos resultados: R. Gophna, E. Ayalon e I. Roll (atual coordenador-chefe das escavações sistemáticas no sítio de Apolônia). Neste *survey*, todos os períodos

de ocupação do Sharon receberam atenção: da época pré-histórica ao período mameluco e otomano. Além da publicação do mapa, vários artigos preliminares foram publicados, boa parte dos quais referente aos períodos pré-históricos, principalmente da Idade do Bronze.

O Mapa de Herzliyya é hoje um instrumento de trabalho fundamental e indispensável para o pesquisador interessado na arqueologia regional da Planície do Sharon. Registra 99 'sítios', dos quais alguns simples acampamentos, três *tels* com estratigrafia, aldeias, 'instalações', e enterramentos em cavernas (Gophna e Ayalon, 1998:9). Além do registro, oferece-se uma descrição sintética de cada sítio e, quando há, uma ou mais referências bibliográficas.

Do ponto de vista metodológico, no entanto, esta publicação deixa muito a desejar. Em nenhum momento, por exemplo, fica-se sabendo como foi feito o levantamento dos vestígios; ora há indicações de antigas descrições de achados que devem ter orientado a equipe na identificação e descrição de sítios; ora parece que a equipe procurou resgatar os dados de terrenos que estavam prestes a receber construções modernas, realizando uma prospecção de salvamento. Há, enfim, uma dificuldade em compreender, na publicação, quais os critérios empregados pelos pesquisadores na construção de sua amostragem. Em nenhum momento, por exemplo, indica-se se a região foi toda caminhada; quais setores da região foram caminhados; qual a regularidade da caminhada. Por outro lado, a definição de sítio é extremamente fluída nesta publicação confundindo, por vezes, os dados: tanto a área nuclear da cidade de Apolônia, por exemplo, é definida como um sítio (no. 11) quanto uma única sepultura nas proximidades de Apolônia também (por ex. no. 20). Outro exemplo que reflete a falta de uma metodologia precisa, ou talvez de explicitação da metodologia empregada, é o dos sítios no. 18 ao 23 e 31 a 33: todos têm o mesmo nome (Kefar Shemaryahu) e são todos enterramentos, nas proximidades de Apolônia. Fica-se sem compreender porque são sítios diferentes. Não se compreende exatamente, o que são sítios considerados como aldeias; qual a diferença entre uma aldeia e um acampamento, ou ainda, o que são os sítios classificados como 'instalações'. A região aparece assim compartimentada irregularmente, de acordo com critérios desiguais e desconhecidos mesmo, embaçando as formas de ocupação do território - dificultando, muitas vezes, a interpretação e análise dos dados.

Ainda assim, é preciso reconhecer que o Mapa de Herzliyya representa um esforço de compreender a região no seu conjunto. As informações arqueológicas ali apresentadas, somadas aos dados discutidos em

relatos de escavação, nas descrições de sítios da NEAEHL e em alguns textos mais interpretativos (em especial Roll e Ayalon, 1988, 1989 e 1990 e Gophna e Ayalon, 1989) são o único material disponível para a elaboração de uma síntese dos principais momentos da ocupação do sul do Sharon. Apresentamos a seguir a síntese que foi construída pelos arqueólogos israelenses a partir dessa documentação. Veremos como o modelo que elaboram para a ocupação do território do sul da Planície do Sharon é progressivo e linear, o que a nosso ver deveria ser nuançado a partir de um estudo mais abrangente e da recuperação mais sistemática de informações arqueológicas.

De acordo com este conjunto de informações assume-se que as duas cidades litorâneas do sul do Sharon –Tel Michal e Apolônia— estiveram muito mais voltadas para o mar do que para a área interna circunvizinha até o final da época de ocupação persa¹⁰. Tel Michal inclusive apresenta estruturas administrativas, como armazéns e a bem escavada fortaleza (Herzog et al., 1989:10 e ss.) mas, assim como Apolônia, e até onde foram as pesquisas de prospecção arqueológica, não apresenta ocupações agrícolas interioranas. Note-se que ao pé das montanhas da Samaria, na marzevah central da Planície, há ocupações esparsas, mas que –pelos dados atuais— não mantêm comunicação com o litoral. Como mencionamos acima, a não comunicação com o interior –na interpretação destes autores— ocorria por uma dificuldade da topografia regional e, sem dúvida, porque não havia uma necessidade maior. A ocupação do território interno, com exploração agrícola, teria começado somente ao final do período persa e é atestada pela fundação de localidades como Jelil (ou Gelilot) e o sítio 13/7 nas imediações de Tel Michal (Gophna e Ayalon, 1989: 23). No período de ocupação persa, no sul do Sharon, o modelo de assentamento estaria fundamentado em um pólo principal, uma cidade maior, acompanhado de aldeias 'filhas'. Foram atribuídos a este período dois destes pólos: Tel Poleg, no norte, em uma área de muito pântano, centro urbano acompanhado por quatro aldeiolas; Tel Aphek (mais tarde Antípatris) também com várias pequenas ocupações agrícolas nas imediações (Roll e Ayalon, 1988: 38-43). A principal via de acesso ao interior ocorria pela desembocadura do Rio Yarkon, controlada pela cidade de Tel Qasile que também não possui assentamentos agrícolas a ela associados neste momento (idem).

A partir da conquista da Palestina por Alexandre, o Grande, os pesquisadores notaram uma diminuição de vestígios arqueológicos em Tel Michal e um crescimento de Apolônia, como se os dois centros urbanos estivessem em uma alternância de destaque na região (Gophna e Ayalon,

1989: 23). Uma oficina de fabricação de púrpura, que parecia ser de época helenística, foi registrada em Apolônia, levando os pesquisadores a acreditarem em um certo desenvolvimento 'industrial' neste período. Entretanto, depois de estudos específicos relativos às conchas achadas, esta oficina foi atribuída ao período persa (Karmon, 1999: 278). Os dados sobre pequenos assentamentos nas imediações de Apolônia: em Shefayim, ao norte, uma aldeia na costa, outra pequenina à margem da marzevah oeste, e outra aldeia (há apenas vestígios cerâmicos de época helenística) em Bir el' Ababsheh¹¹, a leste de Apolônia, na margem da marzevah central (Gophna e Ayalon, 1989: 23), no entanto se mantêm apontando para uma expansão da área nuclear de Apolônia. Segundo os autores, estes dados seriam suficientes para confirmar a consolidação do modelo locacional de assentamento que perdurará até a época romana, em que um centro urbanizado é rodeado por outras pequenas aldeias 'filhas' (Roll e Ayalon, 1988: 38-43)¹². Apesar da existência destes assentamentos, não foi identificada ainda uma comunicação maior com o leste.

O início da ocupação romana da Palestina, principalmente o período que se estende de 63 a.C. ao final da Primeira Revolta em torno de 70 a.C., é uma época sobre a qual, segundo a maioria dos relatos de escavação estudados, há escassos vestígios materiais. De toda a forma, observa-se o abandono de Tel Poleg (Gophna e Ayalon, 1989) e a destruição da fortaleza romana em Tel Michal, centro urbano que sofrerá, a partir deste momento, um abandono completo por cerca de setecentos anos (Herzog, 1993: 1040).

Apesar desta lacuna no tocante aos vestígios materiais, Apolônia aparece nas fontes textuais, inclusive entre as cidades 'restauradas' por Gabinius, procônsul da Síria entre 55 e 57 d.C. (Josefo, GJ, I, 8, 4 e AJ, XIV, 5,3; cf. também Roll e Tal, 1999: 6-7). Neste contexto, devemos lembrar, ainda, que Herodes fundou Cesaréia, em 10 a.C., no norte da Planície do Sharon (34 km na costa ao norte de Apolônia); e Antípatris, em 9 a.C., no local de Tel Aphek (15 km ao sudeste de Apolônia), no sul da Planície. A escolha do local de Cesaréia por Herodes foi estratégica, pois nesta região as cadeias de kurkar são de altura bastante moderada fazendo da cidade um porto, mas de acesso muito fácil em direção ao interior. Com efeito, o estudo das muralhas de Cesaréia mostra os portões de onde irradiavam as várias estradas: em direção a Dora, ao norte; em direção a Apolônia, ao sul, e em direção a Scythópolis, Neápolis e Antípatris, a leste (Roller, 1981-82: 94). A fundação de Antípatris seguiu o mesmo critério. Posicionada, como já mencionamos, no entroncamento de rotas que vinham de Gaza e do norte da África, Antípatris servia de

ponto de referência para a entrada em direção ao vale do Jordão e era, a essa época, centro de gravitação do sul do Sharon (Roll, 1983:145 e Kochavi, 1993: 70-71). Mais tarde, no século II d.C., os romanos vão pavimentar, com finalidades militares e administrativas, tanto a rota litorânea norte-sul quanto a rota que passava por Antípatris (Roll, 1983: 148-149). Apesar deste fato, os pesquisadores constatarem, justamente a partir do século II d.C., uma decadência em todos os sítios da bacia do Yarkon, atribuída aos eventos associados à Grande Revolta. Ioppa e Antípatris teriam sido destruídas enquanto Apolônia parece crescer, assumindo, de acordo com estes pesquisadores, uma posição de liderança no sul da Planície do Sharon (Roll e Ayalon, 1989)¹³.

Data do século II d.C. o primeiro assentamento –Tabsor— na região de hamra, na terceira cadeia de kurkar, o que indicaria um início de desmatamento da floresta de carvalho (Gophna e Ayalon, 1998: 26-27 e Roll e Ayalon, 1981). Gophna e Ayalon (1989:23) mencionam a fundação de inúmeras aldeias e fazendolas na hamra e ao longo de toda a costa sul do Sharon durante o século II d.C., em especial sobre as cadeias de kurkar (não especificam quais, no entanto). Destas fundações a mais antiga seria Herzliyya B. Da mesma forma, muitos dos numerosos enterramentos registrados ou escavados nas redondezas de Apolônia, na segunda e na terceira cadeias de kurkar, devem ser datados de a partir desta época (Tal, 1995).

Segundo esta interpretação corrente na bibliografia consultada, o processo de ocupação do território que se estendia entre Apolônia e as montanhas da Samaria conhece um momento importante no século II d.C., momento a partir do qual este processo de ocupação há de se intensificar cada vez mais. A este desenvolvimento talvez possamos associar o estabelecimento de algumas estradas transversais/ secundárias romanas que uniam a Samaria à Apolônia: da estrada que percorria o trajeto entre Shechem e Ioppa saía uma estrada secundária que ia a Apolônia via Kefar Saba; de Sebaste e de Antípatris também saíam rotas secundárias que tinham como ponto final Apolônia (Gophna e Ayalon, 1989: 25). Quando tratamos das estradas, no entanto, é preciso lembrar que a única estrada romana maior que passava por Apolônia era a rota que vinha de Antioquia e que, passando por Tiro e Cesaréia, prosseguia, via Apolônia, Ioppa, Ascalon e Gaza até Alexandria (Roll, 1983). Outras estradas internacionais, como a que ia/vinha do Egito, desviava de Apolônia para seguir, via Antípatris para o norte da Síria, como já mencionamos acima.

Nas sínteses apresentadas por estes autores todos, percebe-se, principalmente quando tratam da época que começa a partir da Revol-

ta de Bar-Kochba na segunda metade do século II d.C., uma generalização muito grande, sobretudo em termos cronológicos. Sente-se como uma dificuldade em operar uma síntese que respeite as especificidades de cada século, de cada época, talvez devido à dificuldade em datar boa parte dos vestígios arqueológicos, ou talvez da própria escassez de vestígios arqueológicos recolhidos com sistematicidade e método. Exemplo típico desta postura generalizante encontramos em Gophna e Ayalon, no texto que trata justamente da história da ocupação no território de Tel Michal:

The settlement process gained impetus in the Middle Roman period (2d century C.E.) when the first agricultural settlements were founded along the hamra hills and it reached its peak in the 6th-8th centuries C.E. Most important was the establishment of villages and farmsteads along the southern Sharon coast, mainly in the kurkar ridges where many burials caves from Roman and Byzantine periods were uncovered. The earliest site, Herzliya B, was founded in the 2d century (1989: 23).

Na verdade, os pesquisadores partem de um dado final de ocupação do território em época bizantina para voltar no tempo e esboçar um processo de ocupação linear, progressiva e inabalável de toda essa região. Expressão mais cabal desta postura encontra-se no texto de Roll e Ayalon, de 1988. Aqui, os autores expõem como a ocupação do Sharon em época persa seguia o mesmo modelo bíblico de uma cidade rodeada por suas 'filhas'. De acordo com este texto, data do período persa o início da expansão demográfica para o interior e data da época bizantina o apogeu deste processo (portanto aproximadamente 1000 anos depois). Assim, basta analisar as duas épocas, que saberemos o caminho que a ocupação do território da Planície do Sharon percorreu! Se, com efeito, podemos datar de época bizantina vários elementos que permitem pensar em uma ocupação mais abrangente nos séculos VI e VII d. C., como a drenagem da marzevah central que é datada com acuidade à época bizantina (tanto o canal descoberto em Tel Poleg quanto o túnel escavado em Herzliyya B estão nitidamente associados a material de período bizantino ; cf. Gophna e Ayalon, 1998: 29*) ou como os dados relativos à presença de carvalho entre os vestígios arqueológicos que demonstram que a floresta na hamra foi abatida em época bizantina (Gophna e Ayalon, 1989: 25), isto não significa, necessariamente, que este processo foi um processo contínuo e uniforme durante dez séculos.

Apolônia normalmente inclui a faixa estreita da marzevah entre as montanhas da Samaria, a leste, e as colinas de hamra (sobre a terceira cadeia de kurkar), na zona central do Sharon (Roll e Ayalon, 1988:38 e ss. e 1989: iii), mas não sabemos se esta faixa fazia parte do território de Apolônia, da Samaria ou de outros assentamentos no vale do Yarkon, como, por exemplo, Tel Aphek/ Antípatris (fig.2) Na verdade, sabemos muito pouco sobre a história de Apolônia e seu território. Não sabemos nem mesmo com certeza qual era o estatuto da “cidade” durante o período romano imperial,¹⁴ e, portanto, se controlava uma *chora* e qual a sua extensão. Apolônia, depois de Josefo (referindo-se um período anterior a ele), praticamente desaparece do registro literário, para ser mencionada novamente somente no século V d.C., e aí, nas listas episcopais, já com o nome tardio de Sozousa (Roll e Tal, 1999: 8-9). Este silêncio não surpreenderia de todo, não estivéssemos comparativamente bem informados sobre as cidades vizinhas. Na verdade o conhecimento do estatuto de Apolônia pode afetar a interpretação da evidência material deste sítio e, por conseguinte, os modelos propostos para ocupação do território; a caracterização da relação entre a cidade e o campo; e os processos de mudança social nesta região. Por outro lado, a continuidade de ocupação do sítio, tanto do núcleo urbano, como do território circunvizinho, desde o período helenístico é inegável. Também sabemos, como já verificado por Roll, por Ayalon e por Gophna, que o núcleo urbano se expande significativamente no período romano tardio (Roll e Ayalon, 1989). Compreender como isso acontece foi um dos objetivos deste projeto.

FONTES ESCRITAS PERTINENTES AO ESTUDO DO TERRITÓRIO DE APOLÔNIA EM ÉPOCA DE DOMINAÇÃO ROMANA

Em nossa investigação, procuramos a todo custo uma integração entre o documento material e o documento textual de sorte a reunir o maior número de informações possível e cercar por todos os lados a temática da ocupação do território de Apolônia (Andrén, 1998). O levantamento realizado entre as fontes escritas foi bastante extenso e esperamos que os comentários apresentados a seguir possam ampliar os conhecimentos daqueles que pretendam encetar o estudo da região.

O universo de fontes textuais para a história da Palestina pertinentes ao período em questão é imenso. Os documentos textuais apresentam uma diversidade muito grande e a qualidade do seu testemunho va-

ria significativamente. Diferentemente do que de início prevíamos, o andamento da pesquisa levou-nos a um conjunto de questões que, por sua vez, nos conduziu a um território de investigação muito mais amplo. Tivemos que re-visitar vários problemas que, à primeira vista, pareciam resolvidos pela historiografia sobre a região, o que nos levou, como sói acontecer no curso da pesquisa, a redefinir várias premissas. Fomos levados não só a questionar os modelos de ocupação propostos para a região do Sharon, mas a repensar o contexto maior da Planície costeira da Palestina romana (Galvão e Florenzano, 2002). Nossa pesquisa nos fez concluir que qualquer proposta de estudo sobre mudança social da região no período, mas especialmente para o primeiro século pós-conquista romana e durante a Antigüidade Tardia, obriga forçosamente o tratamento do contexto regional mais amplo. Portanto, à medida que a nossa reflexão avançou, fomos levados a ampliar a análise para além de Apolônia, ajustando o nosso campo de visão num movimento de vai-e-vem, ora aproximando a lente da cidade e seu território; ora deslocando o foco para recortes regionais mais amplos,¹⁵ definidos de acordo com critérios econômicos, políticos e culturais.

Uma das implicações deste movimento do micro-território para a macro-região e vice-versa, é que os horizontes da evidência documental necessariamente se alargaram de uma forma que não tínhamos previsto antes. Compõe o problema o fato de a maioria das fontes (especialmente as fontes textuais) sobre a região remeterem à Judéia, sobre a qual, graças a Josefo, estamos bem informados. Comparativamente, a evidência para as cidades de origem fenícia ou helenística no litoral da Palestina é magra e mais difusa nas fontes documentais, o que dificulta mas, ao mesmo tempo, faz da pesquisa um desafio.

Antes de proceder ao comentário sobre as fontes de utilidade incontestável para o desenvolvimento do tema, é importante salientar que não incluímos neste comentário o material epigráfico ou papirológico sobre a Palestina e a Síria.¹⁶ Embora a contribuição epigráfica para a história do sítio de Apolônia seja sabidamente limitada, o *corpus* epigráfico poderá eventualmente fornecer evidência circunstancial importante sobre a região como um todo. Da mesma forma, devem ser consultados o Banco de Papiros do *The Perseus Project* e, com mais detalhe, o Catálogo da Biblioteca John Rylands.¹⁷ O território da papirologia — ainda que movediço — tem trazido à luz dados cada vez mais reveladores sobre a história da Palestina romana e bizantina.¹⁸ Ainda que a maioria dos textos epigráficos e papirológicos remeta à Judéia ou Arábia, a evidência indireta poderá enriquecer a reflexão sobre o tema. A análise numismá-

tica dos sítios vizinhos pode valer a pena também, entretanto os dados disponíveis são ainda muito escassos¹⁹.

De longe, a principal fonte textual para a Palestina romana é Josefo. O *De bello judaico* (a partir de agora BJ) trata, na realidade, de muito mais do que a história da revolta dos judeus e da repressão romana. Em uma primeira parte, o texto cobre o período de dominação selêucida, a formação e expansão do estado hasmoneu e o gradual desgaste desta casa dinástica, culminando na intervenção romana na Palestina e na ascensão dos antipatridas. Além de narrar a complicada história política da região, especialmente o aprofundamento do envolvimento e controle romano, o texto apresenta um panorama detalhado das condições sociais e econômicas durante todo período de ocupação romana anterior à revolta de 66 d. C.²⁰

No BJ, o grosso da narrativa de Josefo trata da Judéia romana, de Pompeu a Tito. A costa da Palestina, que mais nos interessa aqui, com suas cidades portuárias de origem fenícia e/ou helenística, aparecem no seu texto somente quando interessam à história da Judéia. Ou seja, o BJ é especialmente rico no que concerne: (1) às relações conflituosas e extremamente voláteis entre judeus e gregos pagãos nestas comunidades multiculturais; e (2) à política externa da elite judaica, especialmente de Herodes e seus descendentes em relação a estas cidades, seja como objeto das ambições dos Antipatridas ou das disputas em torno da sua autonomia. Entretanto, apesar de o BJ iluminar muito pouco a história local, “doméstica”, de cada uma destas comunidades costeiras, ele nos informa detalhadamente, como raramente o fazem as narrativas históricas da Antigüidade, sobre o contexto mais amplo das condições sociais de uma região atormentada, durante o período, por graves conflitos sociais e religiosos. A partir do testemunho de Josefo é possível inferir o impacto destes conflitos locais e regionais na evolução histórica destas comunidades. Embora isso possa parecer uma obviedade, ainda assim vale a pena insistir nela, uma vez que pretendemos uma verdadeira articulação dos dados arqueológicos à evidência textual.

Assim como o BJ, as outras obras de Josefo, particularmente o *Antiquitates Judaicae* (AJ) e a *Vita* (V), também contêm informações preciosas sobre a Judéia romana. A *Vita* nos informa especialmente sobre a situação da Galiléia, palco de ações militares das quais Josefo participou diretamente como líder judaico durante a revolta de 66 d. C. Estes dois textos e, em menor escala, o panfleto apologético intitulado *Contra Apionte* (CA), também iluminam as relações entre a Judéia e as cidades costeiras e os conflitos entre a população judaica e grega nestas comunidades. O CA complementa os outros dois textos jogando luz sobre algu-

mas práticas sociais judaicas que devem ser levadas em consideração na leitura da evidência material.

É bom lembrar aqui a importância do texto de Estevão de Bizâncio²¹ e dos fragmentos de Nicolau de Damasco,²² cuja obra, junto às Memórias de Herodes (AJ 15.174), foi a principal fonte de Josefo para o reino de Herodes, o Grande. Tutor dos filhos de Cleópatra, amigo e *courtier* de Herodes e depois de Augusto, Nicolau escreveu história e deixou uma Autobiografia. Igualmente devem ser considerados os fragmentos dos historiadores e oradores locais, gregos, sírios e judeus tais como Teodoro de Gadara, Zeno de Sidon, Aspásio de Byblos, Aspásio de Tiro, Demétrio da Síria, Timeu da Síria.²³

Dentre os historiadores gregos e latinos que tratam da Palestina no período alto-imperial, a narrativa contém muito pouco sobre a região costeira. Dião Cássio é a principal fonte e contém informações interessantes, especialmente sobre o contexto das revoltas judaicas durante o reino de Adriano. Apiano comenta sobre o peso da tributação na região no século II d. C.,²⁴ mas a sua narrativa limita-se aos grandes eventos militares dos generais republicanos. Diodoro, Tácito, Suetônio e a *História Augusta* não acrescentam muita coisa. Os geógrafos oferecem o testemunho mais detalhado. Estrabão apresenta dados importantes sobre a costa da Palestina no período de Augusto, que nos ajudam a contextualizar a evidência material de Apolônia. Por outro lado, Pompônio Mela não lista a cidade na sua descrição do litoral palestino. O *Geographica* de Ptolomeu deve ser incluído como fonte importante sobre a região.²⁵

Além das fontes narrativas, vários outros textos tratam da Palestina no período alto-imperial. O *savant* Plínio Maior lista as cidades da região e cita Apolônia, mas não vai além da citação.²⁶ Philo menciona Iamnia e trata dos conflitos entre judeus e gregos, mas principalmente em Alexandria. Os segundos sofistas, como Luciano de Samosata, pouco contribuem. Devem ser consultados ainda textos legais e o *Itinerarium Antonini Augusti*.²⁷

As fontes da história local, que têm como epicentro a Judéia, são mais férteis. Os manuscritos pertinentes ao período da revolta de Bar-Kochba, convenientemente compilados em uma publicação dedicada ao tema tratam especialmente da Judéia oriental. Os textos, que vão de cartas a documentos notariais, remetem às regiões do Mar Morto, Iduméia e província da Arábia.²⁸ O texto do *Talmud* contém um verdadeiro tesouro de informações sobre o cotidiano das comunidades judaicas durante o Império, mas até onde a nossa pesquisa pôde avançar, a leitura acrescentou pouco ao leque de questões colocadas por este trabalho. O mesmo pode ser dito com relação aos textos de Qumran. Finalmente, os livros dos Macabeus, o Novo

Testamento (Evangelhos e Atos) e a Apócrifa. Macabeus 1 e 2 nos informam sobre a região durante a expansão judaica na região, anterior ao período que nos interessa aqui. O contexto social, político e econômico que serve de suporte da narrativa da vida de Jesus e dos apóstolos da Igreja primitiva remete a um universo social que raramente encontramos em outras fontes documentais. Contudo, aqui também, no caso dos Evangelhos canônicos e apócrifos, o palco da ação não é as cidades helenísticas da costa da Palestina, mas a Galiléia e Judéia. Por sua vez, os Atos (canônicos, gnósticos ou apócrifos), especialmente de Paulo, projetam um mundo de horizontes muito mais amplos, para além da Palestina. De todo modo, assim como Josefo, o NT é uma fonte indispensável.²⁹

Além do NT e da Apócrifa já mencionados, assinalamos que outros textos cristãos e judaico-cristãos, de tradição ortodoxa ou herege dos séculos I a III podem eventualmente trazer algum dado interessante, entretanto, as referências à Palestina que ali encontramos foram pouco úteis ao desenvolvimento desta pesquisa específica. Por exemplo, as *Recognitiones Clementinae* mencionam Cesaréia, mas, infelizmente não contêm nada de original.

Para a Antigüidade Tardia, o leque de fontes se amplia drasticamente e não tivemos aqui a ambição de esgotar a evidência. As fontes literárias se diversificam, incluindo uma grande variedade de autores e textos cristãos, e às histórias narrativas juntam-se textos legais, coleções epistolográficas, discursos, sermões e homilias, biografias e hagiografias, relatos de viagem e itinerários de peregrinação, breviários, comentários sobre a Escritura, tratados filosóficos e teológicos, panfletos apologéticos das mais variadas tradições religiosas, e as crônicas, uma criação da Antigüidade Tardia. Diversificam-se também as línguas e as culturas representadas nas fontes: ao lado dos textos em grego e latim, aparecem documentos importantes em siríaco, copta, árabe e armênio, que não tivemos oportunidade de explorar, e que não temos certeza se teriam algo a acrescentar. A evidência iconográfica, epigráfica, papirológica e numismática é também abundante para o período.

Das narrativas históricas de historiadores pagãos merecem destaque: Amiano Marcelino, *Res Gestae*; Zósimo, *Nea Historia*; a *Historia Augusta*. Os autores destas narrativas conferem destaque especial ao Oriente Próximo, o que não é de surpreender: o Oriente, especialmente a Síria, serviu de palco para grandes acontecimentos militares do Império Tardio e a fronteira do Eufrates era o ponto crítico da política externa romana. Além disso, no século IV, Antioquia sediou, intermitentemente, a corte imperial, e Amiano, autor da narrativa mais interessante do sécu-

lo IV, era nativo desta cidade. É precisamente da corte, do exército, da administração imperial e do caldeirão da política romana no século IV que trata o seu texto. Ainda que a consulta seja necessária, adiantamos que o seu famoso *excursus* sobre as províncias do Oriente, assim como os textos de Zósimo e a *Historia Augusta*, contribuem pouco para a história das cidades costeiras da Palestina.

Dois séculos mais tarde, no período de Justiniano, Procópio de Cesaréia,³⁰ historiador da tradição clássica, autor prolífico, escreveu história e outros textos, incluindo um panfleto furibundo contra o imperador Justiniano e Teodora, com o nome sugestivo de *Anecdota* ou *História Secreta*, que contém alguns dados interessantes sobre a Palestina. Apesar de ser nativo de Cesaréia, capital da Palestina, o mundo de Procópio era a corte de Constantinopla e sua obra trata de eventos numa escala imperial.

Outro grupo de autores está constituído pelos historiadores eclesiásticos: Eusébio, natural de Cesaréia, “pai” da história eclesiástica, é o autor mais importante. No que diz respeito à Palestina, entretanto, a sua obra histórica, a *Historia Ecclesiastica* (HE), ao contrário dos seus outros textos, ilumina pouco a região, exceção feita às atribulações dos cristãos de Cesaréia perseguidos pelas autoridades locais e romanas. Para a narrativa da história da Igreja no século I, que, de certa forma, se superpõe à história da Palestina, Eusébio se vale principalmente do NT e de Josefo. Sócrates, Sozômenos, Teodoreto, Filostórgio, Rufino e Gelásio de Cízico, autores do século V, dão continuidade à obra de Eusébio. Nessas narrativas encontramos informações riquíssimas sobre a dinâmica das comunidades cristãs da região no século IV, especialmente a respeito dos conflitos intestinos da Igreja e os seus embates com judeus e pagãos. As HEs permitem-nos ver a ascensão social e política da Igreja, mas o horizonte destes autores também é muito mais amplo do que a sociedade local que nos interessa aqui. Cesaréia, Gaza e Ascalon aparecem no contexto do conflito ariano no início do século IV e nos conflitos com os pagãos no período de Juliano.

Crônicas e breviários podem tornar-se documentos de alguma importância para o conhecimento da história regional. Aqui devem ser considerados Orósio, *Historiae*; Eutrópio, *Breviarium* e Aurélio Victor, *De Caesaribus*, apesar de que pouco acrescentem ao que já apresentam as outras fontes. A principal crônica para a região no século IV é, sem dúvida, o *Chronicon* de Jerônimo. Há ainda as crônicas grego-bizantinas, siríacas e as árabes.

Entre as hagiografias, biografias e martirologias, o texto de Eusébio, *Mártires da Palestina*, abre uma janela sobre Cesaréia no início do século

IV d. C. Curiosamente, o texto chama atenção pela escassez de informações sobre as comunidades cristãs costeiras da Palestina. A *Vita Constantini*, deste mesmo autor, comenta especialmente sobre *loca sancta* da Palestina e não informa sobre as cidades da costa. A *Vida* de Gregório Taumaturgo se passa na Capadócia, mas o texto contém alguma coisa sobre Cesaréia, onde Gregório se converteu e conheceu Orígenes. Eunápio, *Vita sophistarum*, não contém dados sobre a região. O *De viris illustribus* de Jerônimo contém referências sobre os bispos e letrados de Cesaréia apenas. A *Vita S. Hilarionis* nos informa sobre Gaza e arredores no século III e IV. Deste mesmo autor, a *Vita Malchi*, assim como a *Autobiografia* de Libânio, não remetem à região em estudo e portanto não merecem consulta para o desenvolvimento da temática proposta. A *Historia Lausiaca* trata especialmente do Egito e da Síria. Na realidade, as fontes hagiográficas constituem um universo próprio que mereceria investigação específica, muito mais cuidadosa e trabalhosa. Não estamos seguros, no entanto, se o resultado desta pesquisa poderia trazer uma contribuição verdadeira para o desenvolvimento da temática que propomos.

Já os comentários sobre a Escritura trazem, com certeza, aportes importantes. O *Onomasticon* de Eusébio foi extremamente útil, pois Eusébio freqüentemente comenta sobre o estado atual das localidades que cita em seu texto. Depois de Josefo, do *Talmud* e do NT, esta é uma das fontes mais ricas para história local. O texto é especialmente interessante porque nos informa sobre a situação das comunidades rurais, aldeias e vilas autônomas ou dependentes de centros urbanos. A tradução latina associada ao comentário de Jerônimo, concluídos cerca de um século depois de Eusébio, oferece a perspectiva de movimento histórico destas mesmas depois de quase um século. Por outro lado, o comentário de Orígenes sobre o Evangelho de Mateus, não trouxe informações ou comentários que pudessem contribuir para a nossa reflexão.

Entre os oradores pagãos e os pregadores cristãos focalizamos somente Libânio e Orígenes. O primeiro, nos informa muito bem sobre Antioquia e a Síria; o segundo, sobre a comunidade cristã de Cesaréia no início do século III, mas ambos contribuem pouco à história local. Merece ser consultado o *corpus* de Juliano e de outros oradores pagãos contemporâneos, e as imensas coleções de homilias de autores cristãos dos séculos IV e V. Trata-se de documentação extensíssima cuja consulta eventualmente traria algum resultado positivo para o tema proposto. É possível que, por exemplo, autores como João Crisóstomo, Cirílio de Jerusalém possam contribuir, mas não tivemos oportunidade de verificar.

As coleções epistolográficas como as cartas de Teodoreto o *corpus*

epistolográfico de Libânio e ainda as coletâneas de Juliano, Jerônimo, Isidoro de Pelusium, Basílio de Cesaréia, entre outros, podem também conter dados interessantes.

Um texto bastante útil, que consultamos foi o *Expositio/Descriptio Totius Mundi*, escrito por autor anônimo em meados do século IV. Este panfleto contém uma variedade de informações interessantes sobre a Palestina. Embora a interpretação deste texto seja problemática, ele complementa outras fontes, especialmente o *Onomasticon*, ajudando a contextualizar os achados materiais e serve de contraponto à evidência do Principado. Dentre os guias de peregrinos do século IV ao VI, apenas o *De situ Terrae Sanctae* escrito por um certo Teodósio e o *Itinerarium Antonini Placentini*, acrescentam informações importantes. O *Itinerarium Burdigalense* (“O peregrino de Bourdeaux”) e o *Peregrinatio Egeriae* não iluminam a região litorânea da Palestina.³¹ Uma consulta sumária ao *Cosmas Indicopleustas* não revelou aspectos importantes que iluminassem nossa pesquisa. Podemos acrescentar a esta lista o Mosaico de Madaba, do século VI, que fornece importantes dados iconográficos sobre a região.

Os panfletos religiosos que consultamos —os textos de Arnóbio, *Adversus gentes* e alguns panfletos de Atanásio de Alexandria (*Historia Arianorum*, Apologia contra Ariano, Apologia De Fuga, *Ad Constantium*)— tratam do conflito doutrinal nas comunidades cristãs, e não acrescentaram muitos detalhes à nossa investigação.

Encerramos assim o rol de documentos textuais antigos levantados durante nossa pesquisa. Muitas destas obras foram consultadas e as informações veiculadas foram devidamente incorporadas em nossa reflexão. Outras, de acesso mais complicado não puderam ser consultadas mas, ainda assim, as incluímos, pois referências a elas nos indicam o seu valor ou importância para o conhecimento da região.

NOTAS

1. Queremos agradecer aqui especialmente ao nosso colega Prof. Francisco Marshall pela oportunidade do desenvolvimento desta pesquisa, pelos anos de convívio e pela constante e riquíssima troca de idéias. Agradecemos igualmente à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP— que viabilizou nossa ida a Israel e a participação direta nas escavações de Apolônia. Ao Prof. Israel Roll agradecemos a acolhida generosa.
2. Entenda-se como território o conjunto formado por campo e cidade.
3. Vide a bibliografia. O texto mais recente e completo sobre Apolônia e a his-

tória das escavações está em I. Roll e O. Tal, ed., *Apollonia-Arsuf. Final Report of the Excavations. The Persian and Hellenistic Periods*, vol.1, (Jerusalém, 1999), 1-26.

4. Sobre o tema, cuja bibliografia pós-Finley é vastíssima, cito apenas, a título de exemplo, os seguintes trabalhos de reflexão teórica: P. Leveau, "La ville antique, 'ville de consommation?' Parasitisme social et économie antique", em *Études rurales*, janv.-sept (1983), 275-289; id., "La ville antique et l'organisation de l'espace rural: villa, ville, village", em *Annales ESC* 38 (1983), 920ss.; a coletânea de artigos em J. Rich e A. Wallace-Hadrill, *City and Country in the Ancient World* (Londres, 1991); C. R. Whittaker, "Do Theories of the Ancient City Matter?", em T. J. Cornell e K. Lomas (eds.) *Urban Society in Roman Italy*, Londres, 1995, 9-26.
5. Sobre as possibilidades de pesquisa, ver, especialmente, Snodgrass (1987) e J. Bintliff, "The History of the Greek Countryside: As the Wave Breaks, Prospects for Future Research", em *Structures rurales et sociétés antiques, Actes du colloque de Corfou (14-16 mai 1992)*, em P. N. Doukellis e L. G. Mendoni (eds.), Paris, 1994, pp.13 ss. Sobre a ocupação do campo e uma tentativa de se inferir relações sociais, com bibliografia, ver M. Jameson, "Class in the Ancient Greek Countryside", em id., pp.55-63. Para uma crítica da interpretação demográfica dos dados, ver, por exemplo, R. Osborne, *Classical Landscape with Figures. The Ancient Greek City and its Countryside*. Londres, 1987, 69-70.
6. Sobre o impacto de Roma na complicada política da região, ver, por exemplo, F. Millar, *The Roman Near East, 31 BC-AD 337* (a partir de agora RNE). Cambridge, 1993, 29-111.
7. Ver, por exemplo, M. Goodman, *The Ruling Class of Judaea: The Origins of the Jewish Revolt against Roman Rule, AD 66-70*. Cambridge, 1990.
8. O kurkar é uma rocha muito porosa formada a partir da petrificação da areia cujo nome científico é arenito de quartzo carbonatado.
9. Uma das hipóteses bem aceitas a respeito da proveniência do nome Sharon é justamente o 'saronis', 'carvalho velho e oco' em grego, que aparece em Plínio, Maior (HN, IV, 18; cf. Rainey, 1989: 10).
10. Ocupamo-nos aqui, principalmente, dos períodos relativos à época de ocupação persa em diante. O Mapa de Herzliyya e as demais publicações ocupam-se também da Idade do bronze, do período calcolítico, que não nos interessam diretamente no momento. Para todas as localidades, olhar a fig. 7.
11. Os dados são aqui contraditórios, pois nesta localidade, o Mapa de Herzliyya registra apenas enterramentos de época romana e bizantina (sítio 7). Entretanto, Gophna e Ayalon (1989: 23) mencionam uma aldeia, o que Fischer e Tal assumem como certo (1999:253).
12. Na verdade, este parece ser um modelo de assentamento caro aos arqueólogos israelenses. Fischer e Tal (1999: 253), por ex., reconhecem a dificuldade em comprovar este modelo de assentamento em Apolônia tendo em vista a escassez de informações. Entretanto, mantêm a proposta deste modelo

como uma hipótese válida de trabalho em Apolônia, já que no vale do Yarkon, para onde há um pouco mais de dados, este modelo ainda que não comprovado é também plausível (1999: 254-5)! Caminha-se em círculos.

13. Não resistimos ao comentário crítico que diz respeito à extrema escassez de dados que autorizem essa interpretação a respeito da liderança de Apolônia neste período.
14. Na realidade, não sabemos nem mesmo se Apolônia chegou a ser uma cidade autônoma durante o período helenístico. Presume-se que, sob os Ptolomeus, o entreposto fenício de Arshaf possuísse certa autonomia. Com o domínio selêucida, a partir de ca. 200 a. C., parece ter mantido este status, mas não por muito tempo. Com a revolta dos Macabeus e a expansão do controle judaico às cidades costeiras, especialmente o Sharon, a cidade, assim como Iamnia, Ioppa, Strato e Dora, suas vizinhas, teria sido absorvida pelo estado hasmoneu. Ver Josefo, *BJ* 1.54; id., *AJ* 13.39; e A. H. M. Jones, *Cities of the Eastern Roman Provinces*. Oxford, 1998, ed. original, 1937, p. 257 (daqui em diante, CERP). Ver discussão abaixo, seção IV. A questão é fundamental no contexto da história da Judéia e, depois, da Palestina romana.
15. Sobre as vantagens de uma abordagem regional, ver G. Barker, "Introduction: Methods and Problems. Approaches to Archaeological Survey," em G. Barker e J. Lloyd, 1991:3.
16. Em latim e grego: *Inscriptions grecques et latines de la Syrie* (IGLS), ed. Jalabert. Paris, 1929; as publicações recentes ou revisões de textos já publicados no SEG; *Die griechischen inschriften der Palestina tertia*, ed. Alt. Berlin/Leipzig, 1921; L. Roth-Gerson (ed.) *Greek inscriptions from the synagogues in Eretz-Israel*, Jerusalem, 1986; C. M. Lehman, *The Greek and Latin Inscriptions of Caesarea Maritima*. Boston, 2000; Em hebraico e aramaico: *Corpus Inscriptionum Semiticarum* Paris, 1881; *Corpus Inscriptionum Judaicarum*, ed. Frey. New York, 1975.
17. C. H. Roberts e E. G. Turner, *Catalogue of the Greek and Latin papyri in the John Rylands Library*. Manchester, 1952. Disponível on-line em The Perseus Project, *The Duke Databank of Documentary Papyri*, Tufts University (www.perseus.tufts.edu).
18. *Corpus Papyrorum Judaicarum*, ed. Tcherikover. Cambridge, 1956-64; B. Lifshitz, "Papyrus grecs du désert de Juda", *Aegyptus* 42 (1962), 240ss.; H. M. Cotton e J. Geiger, *Masada II, the Yigael Yadin Excavations 1963-1965, Final Reports: The Latin and Greek Documents* (1989). Sobre os documentos da "Caverna das Cartas" pertinentes à revolta de Bar-Kochba, ver abaixo. De todo modo, a evidência papirológica é vastíssima, uma vez que teríamos que incluir os papiros do Egito, que remetem à Palestina.
19. Por exemplo, Y. Meshorer, *The City Coins of Eretz-Israel and the Decapolis* Jerusalém, 1985; G. F. Hill, *Catalogue of the Greek Coins of Palestine in the British Museum*. Londres, 1922.
20. É impossível e desnecessário discutir aqui a qualidade (i.e. veracidade) do testemunho de Josefo. O tema tem sido objeto de controvérsia acirrada, por

razões perfeitamente compreensíveis, mas, a meu ver, exageradas. Sobre Josefo como historiador, ver, por exemplo, P. Vidal-Naquet, "Du bon usage de la trahison", *Preface à La Guerre des Juifs*. Paris, 1977; H. Lindner, *Die Geschichtsauffassung des Flavius Josephus im BJ*. Leiden, 1972; S. Cohen, *Josephus in Galilee and Rome, his Vita and Development as a Historian*. Leiden, 1979; C. Saulnier, "Flavius Josèphe: Apologiste de Rome pour servir l'Histoire Juive," em A. Kasher et alii (eds.) *Greece and Rome in Eretz Israel. Collected Essays*, Jerusalém, 1990; T. Rajak, *Josephus: the historian and his society* Londres, 1983; e G. Mader, *Josephus and the Politics of Historiography: apologeticum and impression management in the Bellum Judaicum*. Leiden, 2000.

21. Mas ver Roll e Tal, 1999:1-62, que reproduz todas as informações importantes.
22. Ou Nicholas de Damasco. Ver F. Jacoby (ed.), *Die Fragmente der griechischen Historiker* (FGrH), 130ss. Ver também M. Stern, *Greek and Latin Authors on Jews and Judaism*. Jerusalém, 1974, 227ss., com bibliografia.
23. *FGrH* 850, 792, 793, 852, 848. Ver J. Geiger, "Local patriotism in the Hellenistic Cities of Palestine" em A. Kasher et alii (ed.) *Greece and Rome in Eretz Israel. Collected Essays*. Jerusalém, 1990:147ss. Sabemos ainda, através de Estevão de Bizâncio, de outros historiadores, nativos da região costeira da Palestina como, por exemplo, Apolônio e Artemidoro de Ascalon, cujas obras se perderam. Da mesma forma, não possuímos o testemunho de vários outros autores, historiadores, geógrafos e antiquários de outras regiões do Império, arrolados em *FGrH*, que também escreveram sobre a Palestina e Síria. Ver a lista em Geiger, op. cit., nota 17, p. 148. Ver também F. Millar, "The Phoenician Cities: A Case-Study of Hellenisation", *Proc. Cambridge Philol. Society* 209 (1983), 55ss.
24. Apiano, *Historia Romana* (Syrian Wars) 50 (Loeb ed.).
25. Sobre este autor ver Roll e Tal, 1999: 1-62.
26. Plínio Maior, *HN* 6.69.
27. Eds. G. Parthney e M. Pinder, *Itinerarium Antonini Augusti*. Berlim, 1848.
28. Ver nesse sentido, N. Lewis, *The Documents from the Bar-Kochba Period in the Cave of Letters: Greek Papyri*, 1989.
29. Sobre a relação entre Josefo e o NT, ver S. Mason, *Josephus and the New Testament*. Peabody, 1992.
30. Embora nominalmente cristão, não sabemos se Procópio se definia como tal. Mais importante, entretanto, é o fato de escrever história secular, nos moldes da tradição clássica pagã.
31. Todos estes *itineraria* estão compilados em *Corpus Christianorum. Series Latina*, 175.

BIBLIOGRAFIA MODERNA

Este levantamento bibliográfico que apresentamos a seguir inclui todos os trabalhos que consultamos e que contribuíram com seus dados ou com seus comentários para o desenvolvimento da nossa pesquisa sobre o território de Apolônia. Quase a totalidade destes textos encontra-se à disposição seja no MAE/USP, seja no Núcleo de História Antiga da UFRGS.

AAVV. *Excavations and Surveys in Israel*. English Edition of Hadashot Arkheologiyot. Jerusalem, Israel Antiquities Authority, 17, 1998.

ALCOCK, S. *Graecia Capta. The Landscapes of Roman Greece*. Cambridge, 1993.

ANDREN, A. *Between Artifacts and Texts: Historical Archaeology in Global Perspective*. N. York, Plenum Press, 1998.

APPLEBAUM, S. "The Settlement Pattern of Western Samaria from Hellenistic to Byzantine Times: a Historical Commentary" em S. Dar (ed.) *Landscape and Pattern. An Archaeological Survey of Samaria. 800 BCE - 636 CE*. Oxford, BAR International Series, 308 (i), 1986: 257-269.

ARTHUR, P. e OREN, E. "The North Sinai survey and the evidence of transport amphorae for Roman and Byzantine trading patterns". *Journal of Roman Archaeology*. 11, 1998: 193 - 212.

BARKER, G. e LLOYD, J. *Roman Landscapes. Archaeological Survey in the Mediterranean Region*. Archaeological Monographs of the British School at Rome, 2, 1991.

BEN-TOR, A. "The Regional Study – A New Approach to Archaeological Investigation: Yoqne'am Regional Project Looks beyond the Tell" *Biblical Archaeological Review*, 6, 1985: 30-44.

CLERMONT-GANNEAU, C. *Archaeological Researches in Palestine during the years 1873- 1874*. Londres, 1896.

CONDER, C.R. E KITCHENER, H.H. *The Survey of Western Palestine I-III, Samaria*. Londres, 1881-1883.

DAR, S. (ed.). *Landscape and Pattern. An Archaeological Survey of Samaria. 800 BCE - 636 CE*. Oxford, BAR International Series, 308 (i), 1986.

DAUPHIN, C. "Review Article: Man makes his Landscape" *Bulletin of the Anglo-Israel Archaeological Society*, 1991—92, 11: 22-29.

DAUPHIN, C. e GIBSON, S. "Ancient Settlements in their landscapes: the Results of Ten Years Survey on the Golan Heights (1978-1988)" *Bulletin of the Anglo-Israel Archaeological Society*, 1992—93, 12: 7-31.

DERFLER, S. "Roman fortress (Stratum II)" Em Z. Herzog et alii (eds.). *Excavations at Tel Michal, Israel*. Tel Aviv University, Publications of the Institute of Archaeology no. 8, 1989: 188-194.

EVERMAN, D. "Survey of the coastal area north of Caesarea and of the Aque-ducts: preliminary report" R.L. Vann, (ed.) Caesarea Papers. *Journal of Roman Archaeology*. Suppl. 5, 1992: 181-193.

FISCHER, M. e TAL, O. "Two ceramic assemblages from Hellenistic Apollonia" *Tel Aviv*, 23, 1996: 213-234.

GALVÃO SOBRINHO, C.R. E FLORENZANO, M.B.B. "Apolônia e seu território: paisagem rural e mudança social na Palestina romana. Relatório científico apresentado à FAPESP" São Paulo, 2001.

_____. "Apolônia e seu território: paisagem rural e mudança social na Palestina romana. *RevMAE*, 12, 2002 (no prelo)

GIBSON, S. et alii. "Town and Country in the Southern Carmel: Report on the Landscape Archaeology Project at Dor (LAPD)" *Levant*, 31, 1999: 71-122.

GIBSON, S. et alii. "The Sataf project of landscape archaeology in the Judaen Hills: a preliminary report on four seasons of survey and excavation (1987-1989)" *Levant*, 23, 1991: 29-54.

GIBSON, S. e EDELSTEIN, G. "Investigating Jerusalem's rural landscape" *Levant*, 17, 1985:139-155.

GOPHNA, R. "Archaeological Survey of the Coastal Plain, 1977. Preliminary Report". *Tel Aviv*, 5, 1978: 1-12.

GOPHNA, R. e AYALON, E. *Archaeological Survey of Israel. Map of Herzliyya (69)*. Jerusalem, Israel Antiquities Authority, 1998.

_____. "History of Settlement at the Tel Michal Region". Em Z. Herzog et alii (eds.) *Excavations at Tel Michal, Israel*. Tel Aviv University, Publications of the Institute of Archaeology no. 8, 1989: 16-28.

GUÉRIN, V. *Déscription géographique, historique et archéologique de la Palestine, Samarie, II*. Paris, 1875.

HERZOG, Z. RAPP, G. NEGBI, O. et alii (eds.). *Excavations at Tel Michal, Israel*. Tel Aviv University, Publications of the Institute of Archaeology no. 8, 1989.

HERZOG, Z. "Hellenistic Stratigraphy and Architecture (Strata V-III), Em Z. Herzog et alii (eds.) *Excavations at Tel Michal, Israel*. Tel Aviv University, Publications of the Institute of Archaeology no. 8, 1989: 165 -168.

JONES, A.H.M. *Cities of the Eastern Roman Provinces*. Oxford, 1998 (edição original: 1937)

KARMON, N. "Muricid shells of the Persian and Hellenistic periods". Em I. Roll e O. TAL (eds.) *Apollonia-Arsuf. Final Reports of the Excavations*. Vol I : The Persian and Hellenistic periods. Tel Aviv, Institute of Archaeology, TAU, 1999.

KASCHER, A. et alii (eds.). *Greece and Rome in Eretz Israel*. Jerusalem, The Israel Exploration Society, 1990.

- KOCHAVI, M. (ed.). *Judaea, Samaria and the Golan. Archaeological survey 1967-1968* Jerusalem, The Archaeological survey of Israel, 1972.
- KOCHAVI, M. The Land of Geshur Project: Regional Archaeology of the Southern Golan (1987-1988 Seasons) *IEJ*, 39, 1989:1-17.
- LEVY, T. E. (ed.). *The Archaeology of Society in the Holy Land*. N. York, Facts on File, 1995. Em especial:
- Levy, T. e Holl, A. "Social Change and the Archaeology of the Holy Land" (pp.2-8).
- Stern, E. "Between Persia and Greece: Trade, Administration and Warfare in the Persian and Hellenistic Periods" (pp.432-445).
- Anderson, J. "The impact of Rome in the Periphery: the case of Palestina - Roman Period (63 BCE-324 CE)" (pp. 446-469)
- Patrich, J. "Church, State and the Transformation of Palestine - The Byzantine Period (324-640 CE)" (pp. 470-487)
- LIPHSCHITZ, N. "Botanical remains of the Persian and Hellenistic Periods". Em I. Roll e O.TAL. (eds.). *Apollonia-Arsuf. Final Reports of the Excavations. Vol I : The Persian and Hellenistic periods*. Tel Aviv, Institute of Archaeology, TAU, 1999: 281-283.
- LLOYD, J. "Forms of Rural Settlement in the Early Roman Empire", em *Roman Landscapes*. G. Barker e J. Lloyd (eds.) *Archaeological Survey in the Mediterranean Region*, (Londres, 1991), p. 233.
- MILLAR, F. *Roman Near East 31 BC-AD 337*. Cambridge, 1993
- PORATH, Y. e LEVY, Y. "Mughar el -Sharaf: A Cemetery of Roman and Byzantine periods in the Sharon. 'Atiqot, XXII, 1993: 29-42.
- RAINEY, A. "The Sharon Coastal Plain: Historical Geography" Em Z. Herzog et alii (eds.) *Excavations at Tel Michal, Israel*. Tel Aviv University, Publications of the Institute of Archaeology no. 8, 1989: 10-15.
- ROLL, I. "The roads in Roman-Byzantine Palestina and Arabia" in M. Piccirillo e E. Alliata *The Madaba Map Centenary. Proceedings of the International Conference held in Amman, 7-9 april, 1997*. Jerusalem, 1999: 108-113.
- _____. "The Roman Road System in Judaea". *The Jerusalem Cathedra*, 3, 1983:136-161.
- ROLL, I. "Roman Roads to Caesarea Maritima". Em A. Raban e K. Holum (eds.) *Caesarea Maritima. A Retrospective after Two Millennia*. Leiden, 1996.
- ROLL, I. e AYALON, R. "Two large wine presses in the red soil regions of Israel" *PEQ*, 1981: 113: 111-125.
- _____. *Apollonia and Southern Sharon: Model of a coastal city and its Hinterland*. Tel Aviv, 1989.

_____. "Models of Settlement in Southern Sharon in Ancient Times" *Ariel*, 55-56, 1988: 38-43.

_____. "Economic and Settlement Growth in Southern Sharon in the Roman Period" em A. Degani et alii *HaSharon between Yarkon and Karmel*. Tel Aviv, 1990: 191-200.

ROLL, I. e TAL, O. (eds.). *Apollonia-Arsuf. Final Reports of the Excavations*. Vol I : The Persian and Hellenistic periods. Tel Aviv, Institute of Archaeology, TAU, 1999. (Especialmente Roll, I. "Introduction: History of the site, its research and excavations", pp. 1-62).

ROLLER, D. "The Wilfried Laurier University Survey of Northeastern Caesarea Maritima" *Levant*, 13-14, 1981-82: 90-103.

SAFRAI, Z. *The Economy of Roman Palestine*. London, Routledge, 1994.

SNODGRASS, A. *An Archaeology of Greece. The Present State and Future Scope of a Discipline*. Berkeley, 1987.

SPERBER, D. *Roman Palestine, 200-400. The Land*. Bar-Ilan University, Ramat Gan, 1978.

STERN, E. *New Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land*. (NEAEHL) 4 vols. Jerusalem, The Israel Exploration Society, 1993. Verbetes:

Roll, I. *Apollonia*, vol 1: 72-75

Kochavi, M. *Aphek-Antipatris*, vol 1: 62-72

Aviam, M. *Galilee*, vol 3: 453 - 458

Ma'oz, Z. *Golan*, vol 3: 534 - 538

Ofer, A. *Judaean Hills*, vol 3: 814 - 816

Negev, A. *Negev*, vol 3: 1133 -1135

Mazar, A. *Tel Qasile*, vol 4: 1204 -1212

Ronen, A. *Sharon Plain*, vol 4: 1344 - 1345

Gophna, R. *Nahal Poleg*, vol 4: 1193 -1195

Herzog, Z. *Tel Michal*, vol 3: 1036-1040

_____. *Dor, ruler of the Seas*. Nineteen years of excavations at the Israelite-Phoenician Harbor town on the Carmel Coast. Jerusalem, Israel Exploration Society, 2000.

TAL, O. "Roman and Byzantine Cemeteries and Tombs around Apollonia" *Tel Aviv*, 22, 1995: 107-120.

_____. "Salvage Excavations at Herzliyya Beth" *Tel Aviv*, 26, 1996: 235-243.

Vallat, J.P. "Survey Archaeology and Rural History – A Difficult but Productive Relationship," em G. Barker e J. Lloyd, (eds.) *Roman Landscapes. Archaeological Survey in the Mediterranean Region*. Archaeological Monographs of the British School at Rome, 2, 1991: 10-18.

YEIVIN, S. "Archaeological News: Arsuf (Apollonia)" *American Journal of Archaeology*, 55, 1951: 86-87.